

## O ESTUDO DO PÂNICO NA TRADIÇÃO PSICANALÍTICA: A CONTRIBUIÇÃO DE FREUD

Mário Eduardo Costa Pereira<sup>1</sup>

Apesar da idéia amplamente difundida de que este seria um tema pertinente apenas à psiquiatria, na verdade, o estudo dos ataques de pânico não é estranho nem à história, nem à tradição da psicanálise. Ao examinar a evolução do pensamento psicanalítico, descobrimos que o interesse pelo pânico surge - e por vezes parece mesmo se impor - em certos momentos críticos da teorização da clínica especialmente quando se trata de determinar a especialidade dos estados ansiosos externos e incontroláveis, em relação àqueles que a angústia mantém ainda uma dimensão semiotizada, assinalando a proximidade do perigo.

Os principais autores psicanalíticos, a começar pelo próprio Freud, trouxeram em um momento ou outro de suas obras, contribuições explícitas para a compreensão desse estado afetivo, embora ainda estejamos longe de dispor de uma teoria estruturada que situe claramente o pânico em relação às demais formas da angústia. A questão de seu fundamento metapsicológico próprio, por ainda não ter sido suficientemente elaborada, mantém-se em aberto.

Ao que tudo indica, o primeiro texto tratando especificamente do pânico à partir da psicanálise é o artigo "Pan und Pan-Komplex", escrito pelo húngaro Bela Felszényi e publicado em 1920, na revista *Imago*<sup>2</sup>. Freud cita este trabalho no exame que faz do pânico em *Massenanalyse und Ichpsychologie*, de 1921, qualificando o texto de "um tanto extravagante". Apesar desse comentário depreciativo, a concepção freudiana sobre o pânico foi fortemente influenciada pelas idéias expostas naquele artigo.

De fato, tal como Freud faria mais tarde, o estudo de Felszényi baseou-se sobre a análise da natureza polissêmica do termo *Panik*<sup>3</sup> e sobre uma proposta de interpretação psicanalítica das diferentes versões do mito de Pã. O autor húngaro propõe que o pânico constitui essencialmente um estado de desorganização e de caos psíquico. Tal ponto de vista, ao contrário do que se poderia pensar, está

<sup>1</sup> Psicanalista, psiquiatra e professor do Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria - UNICAMP. Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris 7, Diretor do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UNICAMP.

2 B. FELSZÉNYI - "Pan und Pan-Komplex", p. 1-40.

3 Sobre o estudo que Freud faz da palavra alemã *Panik*, remetemos a nosso artigo: M. PEREIRA - "A palavra 'pânico' ou Da polissemia como método", p. 55-78.

4 Cf., por exemplo, DUPUY, J.-P.  
- *Introduction aux sciences  
sociales: logique des  
phénomènes collectifs.*

longe de ser evidente. Uma parcela significativa dos autores que trataram desse tema concebem o pânico não como constituindo um estado caótico, mas justamente ao contrário, como sendo uma forma paradoxal de organização<sup>4</sup>. A concepção de Felzégthy faz dele um dos principais defensores do pânico, concebido como fenômeno psíquico de “pura perda”, esgotando-se em sua própria ocorrência e não podendo ser interpretado mais adiante.

Foi também de Felzégthy que partiu a idéia, posteriormente desenvolvida por Freud, da continuidade estrutural entre o pânico da multidão e do indivíduo. Segundo o psicanalista húngaro, este estado afetivo, pode ser desencadeado, por motivos “latentes” e “inconscientes” tanto numa massa quanto num indivíduo. Como sabemos, isto irá constituir o eixo principal da argumentação freudiana que interpreta o pânico, sob todas as suas formas, como um fenômeno de liberação repentina de uma grande quantidade de investimentos libidinais até então organizados em torno de uma instância suprema, erigida em ideal. Dessa forma, o artigo de Felzégthy anuncia e constitui o germe do pensamento freudiano sobre este tema, devendo ser reconhecido como o fundador dos debates psicanalíticos sobre o pânico, não obstante o esquecimento relativo no qual caiu ulteriormente.

#### **A inscrição do tema do pânico na teoria freudiana: o campo do “Angustiante” [das Ängstlichen]**

Para Freud, o pânico é determinado de modo específico em relação a outros fenômenos ansiosos, todos eles increvendo-se dentro de um vasto campo psicopatológico que ele chama de “o Angustiante” [das Ängstlichen]. No pensamento de Freud, o angustiante constitui uma noção ampla que reúne fenômenos heterogêneos ligados à angústia [Angst], tais como o sinal de angústia, o terror [Schreck]; o horror [Grauen], o sentimento de inquietante estranheza [Das Unheimliche] e, o caso que aqui nos interessa, o pânico [Panik].

De fato, desde os primeiros textos freudianos, os ataques repentinos e incontroláveis de angústia eram concebidos num plano psicopatológico distinto de outras formas ansiosas. É assim que, por exemplo, na época dos estudos sobre a neurose da angústia [Angstneurose], Freud não confundia os “acessos de angústia” [Angstanfälle] com os estudos ansiosos mais crônicos e flutuantes

[*Angstzustände*].

O próprio princípio de distinguir subcategorias no interior do campo do “angustiante” [*Ängstlichen*] vê-se explicado logo do início de um dos textos fundamentais para a teoria da angústia e que busca precisamente caracterizar uma dessas formas específicas do angustiante.

### A inquietante estranheza [*Das Unheimliche*], de 1919:

*“O tema do ‘estranho’ [...] relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador - com o que provoca medo e horror [Schreckhaften, Angst- und Grauenregenden]; certamente, também, a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. Ainda assim, podemos esperar que esteja presente um núcleo especial de sensibilidade que justificou o uso de um termo conceitual peculiar. Fica-se curioso para saber que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como ‘estranhas’ [ein Unheimliches] determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador [Ängstlichen]”.*<sup>5</sup>

O terreno do angustiante [*Ängstlichen*] não é portanto, segundo Freud, monolítico e homogêneo. Ao contrário, nele podem-se determinar categorias mais específicas fundamentadas sobre este fundo comum de angústia. O texto alemão é ainda mais explícito: *“Man möchte wissen, was dieser gemeinsame Kern, der etwa gestattet, innerhalb des Ängstlichen ein “Unheimliches” zu unterscheiden*”. Trata-se portanto, de distinguir para além do “núcleo” [*Kern*] comum a todos os fenômenos de natureza ansiosa, os elementos psicopatológicos particulares a cada um dentre eles, exatamente como no artigo citado onde Freud busca delimitar os fundamentos próprios da inquietante estranheza [*Das Unheimliche*]<sup>6</sup>.

Em relação à questão específica do *Unheimliche*, Freud procurará introduzir certos matizes e discriminações dentro do campo do aterrorizante, do assustador [*Schreckhaften*], de modo a mostrar o que caracteriza a experiência afetiva da inquietante estranheza:

*“[...] o estranho [das Unheimliche] é aquela categoria*

5 Sigmund FREUD, [1919] - “O estranho”, Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.

6 Mais recentemente, tal como Freud, Donald Meltzer foi levado a introduzir distinções no campo do terrificante pela separação em categorias específicas como a de “terror” [*Terror*], de “persecução” [*Persecution*] e de “temor” [*Dread*]. D. MELTZER - “Terror, persecution and dread”, In *Sexual States of Mind*, 1973, p. 99-106.

7 Sigmund FREUD - *O estranho*,  
op. cit.

*do assustador [Schreckhaften] que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar*".<sup>7</sup>.

Freud é assim levado a propor que os sentimento de inquietante estranheza [*das Unheimliche*], comporta uma dimensão psicopatológica específica, distinta de outros fenômenos ansiosos e passível de ser evidenciada pelo exame psicanalítico do *Sprachegebrauch* e da literatura. Ele mostra que a *Unheimliche* constitui ao mesmo tempo uma forma do *heimliche*, do familiar, oriunda da emergência inesperada do recalçado, ou seja, do esquecido, no campo da consciência, o que é então vivido como inquietante e estranho.

O sentimento de inquietante estranheza implica imediatamente uma reflexão sobre o problema do eu e do duplo idêntico a ele. Este movimento incessante de desdobramento/redobramento do eu questiona as tentativas dessa instância psíquica em constituir-se como sede absoluta da subjetividade. A inquietante estranheza desvenda o caráter de engodo imaginário do eu, diante da ilusão de sua completude. A emergência do outro, estranho ao eu - um antigo familiar caído no esquecimento - está à base deste abalo. Na *Unheimliche*, o recalçado reaparece nos domínios da imagem-própria do eu, perturbando de forma decisiva as certezas do sujeito quanto a si mesmo. Pierre Férida descreve esta propriedade da inquietante estranheza de questionar a imagem e o visual dizendo respeito ao corpo próprio:

*"[...] a Unheimliche é a forma tomada pela angústia do recalçado regressando num atual visual do familiar [...]"*.<sup>8</sup>

No entanto, a tendência de Freud a distinguir rigorosamente diferentes categorias do terrificante não deve ser levada longe demais, nem de modo absoluto. Se considerarmos, por exemplo, um texto tal como "A cabeça da Medusa", onde ele trata do tema do horror [*Grauen*], é possível notar nele o uso indiscriminado que Freud faz dos dois termos - terror e horror - designando os estados de angústia extrema, e isto, apesar da precisão habitual com a qual ele usa os seus conceitos, fiel ao seu princípio de que ceder quanto às palavras é começar a ceder quanto às coisas.

Neste escrito, o comentário inicial anuncia desenvolvimentos sobre a problemática específica do horror:

<sup>8</sup> P. Férida, "L'angoisse dans le contre-transfert ou l'inquietante étrangeté du transfert", p.179.

*“Nós não temos tentado com freqüência a interpretação de figuras mitológicas individuais, mas quanto à cabeça cortada da Medusa produzindo horror [Grauen], ela está ao alcance da mão”<sup>9</sup>*

E no entanto, logo em seguida, neste mesmo texto surge o termo “terror” [*Schreck*] precisamente onde era de esperar a palavra “horror”:

“Decapitar = castrar. O terror de Medusa [*der Schreck der Meduse*] é assim um terror de castração [*Kastrationschreck*] ligado à visão de alguma coisa”.<sup>10</sup>

Mesmo levando-se em conta o fato desse texto só ter sido publicado após a morte de Freud, e aparentemente sem revisão, parece bastante claro que para este, a distinção nítida entre *Schreck* e *Grauen* não tinha importância decisiva para a elaboração psicanalítica que ele se propunha levar adiante.

Este mesmo tipo de deslize terminológico pode ser notado em outros textos onde o tema do horror volta a ser tratado. Na “Revisão da doutrina do sonho” (1932), por exemplo, num trecho evocando a imagem da cabeça da Medusa, Freud usa mais uma vez os termos *Schreck* e *Grauen* quase indiscriminadamente. Aí também Freud fala antes de um terror da castração [*Kastrationsschreck*] e não do *horror da castração*, nem mesmo do *horror diante da castração*, como seria de se esperar:

*“Segundo Abraham (1922), uma aranha, em sonhos, é um símbolo da mãe, mas da mãe fálica, a qual tememos [sich fürchtet]; assim, o medo [Angst] de aranhas expressa temor do incesto materno [den Schrecken vor dem Mutterinzest] e horror [Grauen] aos genitais femininos. Os senhores sabem, talvez, que a criação mitológica, a cabeça da Medusa, pode ser atribuída ao mesmo motif do medo de castração [Kastrationschreck]”<sup>11</sup>.*

Esta permeabilidade que encontramos tanto na língua comum, quanto no uso freudiano entre os termos designando tais estados afetivos, advertem de saída contra qualquer tentativa de levar as distinções nesse campo a extremos e de modo artificial.

Sem esquecer a prudência que tal constatação deve inspi-

<sup>9</sup>Sigmund FREUD, [1922], “La tête de la Méduse”, In Obras Completas de Sigmund Freud, tome XVI, p. 163. (A tradução é nossa, tendo sido comparada ao original alemão).

<sup>10</sup> Sigmund FREUD [1919], “O estranho”, In Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

<sup>11</sup> S. FREUD [1932], “Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos”.

12 S. FERENCZI [1923], "Le symbolisme de la tête de la Méduse", p. 20.

rar, nota-se, no entanto, que as considerações freudianas sobre o horror [*Grauen*], tendem a referi-lo sobretudo à confrontação excessivamente crua do sujeito com a interdição do incesto e com a realidade da castração da mãe no contexto edipiano. Dessa forma, o afeto de horror aparece relacionado antes de mais nada à "impressão produzida pelo órgão feminino desprovido de pênis" (cf. trecho de "A organização genital infantil", onde Freud retoma a idéia central do artigo de Ferenczi<sup>12</sup>, de 1923, sobre este mesmo tema). Freud interpreta a rigidificação do horror como sendo um modo para este sujeito - desestruturado por tal visão - de certificar-se que ainda tem seu órgão viril: "o corpo rígido = pênis em ereção". Evidencia-se assim a enorme ameaça que constitui para o sujeito a constatação de que aquilo que ele interpreta como uma castração faz parte do horizonte do possível. Aqui, como em Kierkegaard, a angústia e a confrontação com a dimensão do possível encontram-se indissociavelmente ligadas, desta vez sob a égide das incertezas relacionadas ao investimento narcísico no próprio corpo.

O horror remete também à problemática edipiana em sua dimensão estruturante: se a mãe é castrada e, portanto, desejante, o sujeito terá, então, de defrontar-se com uma dupla ameaça. Por um lado, ele descobre que o ser que ele supõe amá-lo e protegê-lo de modo onipotente (e com o qual identifica-se) não é afinal de contas, nem tão infalível e nem tão onipotente. O sujeito descobre-se sem garantias e confrontado a seu próprio desamparo.

Por outro lado, torna-se imperativo que ele coloque a questão do lugar que ele próprio ocupa no desejo de sua mãe, uma vez que esta não é totalmente completa. Esta resposta, como propõe Lacan, após Freud, não pode ser obtida fora da referência estruturante à constelação edipiana. É a introdução da referência paterna que liberta o sujeito do papel exclusivo de objeto da mãe.

É exatamente nessa perspectiva que Freud explica a incidência do horror na obtenção dos efeitos específicos da tragédia sobre o espectador, especialmente da tragédia prototípica do *Edipus Rex*: um encontro brutal e cheio de crueldade com os fantasmas infantis de incesto e de parricídio:

*"Cada espectador foi um dia, em imaginação, um Édipo e se apavora diante da realização de seu sonho transposto em realidade; ele treme seguindo toda a medida do recalçamento que separa seu estado infantil de seu estado atual".<sup>13</sup>*

13 S. FREUD, "La naissance de la psychanalyse".

Por ser sensível a esta dimensão estética própria do horror, o *Théâtre de la cruauté* proposto por Antonin Artaud constitui um eco surpreendente e perturbador da concepção freudiana sobre a especificidade ao mesmo tempo trágica e visual deste afeto:

*“Numa palavra, acreditamos que existem, no que se chama poesia, forças vivas, e que a imagem de um crime apresentada nas condições teatrais requeridas é para o espírito algo de infinitamente mais temível do que este mesmo crime efetivamente realizado”.*<sup>14</sup>

O horror aparece assim, com o seu estatuto estético particular: ele põe em cena a realidade da castração da mãe de um modo explícito e brutal, que paralisa por causa do seu caráter inaceitável para o eu. Ele comporta uma dimensão visual específica que se demarca dos elementos visuais observados em outros estados extremos de angústia como é o caso, por exemplo, do terror no qual precisamente faltam as imagens.

Neste sentido, Jean Laplanche<sup>15</sup> define o afeto de terror exatamente por uma falta de dimensão representacional: nele, o fantasma está no seu mínimo e a realidade no seu extremo.

No entanto, mesmo nos estados de terror, pode constituir-se uma certa configuração visual mínima, que engaja o sujeito não numa cena estruturada de castração como no horror, mas antes numa confrontação direta e crua com “o olhar vazio da morte”, tal como evidencia a problemática freudiana da “hipnose de terror” [*Schreckhypnose*].<sup>16</sup> Antes, no entanto, teremos de precisar a importância específica do afeto de terror na economia do aparelho psíquico segundo a perspectiva freudiana, de modo a extrair os fundamentos de sua evidente capacidade de fascínio e a separá-lo, na medida do possível, do pânico.

### ***O terror e a angústia em psicanálise: “o homem defende-se do terror através da angústia”***

A distinção freudiana, muitas vezes reiterada desde os primeiros textos, entre a angústia [*Angst*] e o terror [*Schreck*], demonstra por si só que o campo do angustiante não é homogêneo e que os termos nele implicados não podem ser empregados como sinôni-

<sup>14</sup> A. ARTAUD, “Le théâtre de la cruauté”, p. 133.

<sup>15</sup> J. LAPLANCHE, *Problématiques I - L'angoisse*

<sup>16</sup> Para um estudo mais aprofundado da concepção freudiana sobre a hipnose por terror remetemos a nosso artigo: M. PEREIRA, La question de l'hypnose d'effroi, In *Revue Internationale de Psychopathologie*, (13):51-72, 1994, 13, p. 51-72.

17 Sigmund FREUD [1917],  
 "L'angoisse" (trad. Francesa de S.  
 JANKÉLÉVITCH), In  
*Introduction à la  
 psychanalyse*, p. 372.

mos, sem um mínimo de preocupação conceptual. Pelo contrário, Freud insistiu em várias ocasiões sobre este ponto: "[...] o homem defende-se do terror [*Schreck*] através da angústia [*Angst*]"<sup>17</sup> indicando que os dois termos não têm o mesmo estatuto.

De fato, a primeira teoria da angústia - fundada em suas observações sobre as neuroses atuais e, mais particularmente, sobre a neurose de angústia [*Angstneurose*] - considerava este afeto como sendo resultante de uma excitação sexual não consumada, a qual, não encontrando representações sexuais ("libido psíquica"), capazes de permitir um trabalho de elaboração psíquica [*psychische Verarbeitung*] desta excitação, terminava por ser descarregada sob a forma de angústia.

Com a "reviravolta" de 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, a angústia passa a ser pensada segundo duas formas fundamentais: uma angústia cuja sede - e também, numa certa medida, a origem - é o eu, tendo, portanto, um aspecto essencialmente semiotizado: o "sinal de angústia"; e uma outra forma de angústia, desenfreada e invasiva, oriunda diretamente da vida pulsional e agindo sobre o eu sob forma de terror de aniquilação, uma vez que o aparelho psíquico não dispõe mais de meios para elaborar o afluxo brutal de excitações pulsionais que lhe chegam. Esta última concepção é a herdeira direta da teoria sobre a neurose de angústia, definindo uma forma incontrolável e terrível de excitação libidinal: a angústia automática [*automatische Angst*].

Neste sentido, *Inibição, sintoma e angústia*, constitui provavelmente a tentativa melhor acabada de Freud para situar o alcance metapsicológico de sua afirmação, segundo a qual o homem defende-se do terror pela angústia. Pelo sinal de angústia, o aparelho psíquico visa impedir esse jogo sexual insuportável e desnaturado que é a angústia automática. Para Freud, a angústia funda-se, em última instância, sobre a *Hiflosigkeit*, ou seja, sobre a condição fundamental de desamparo que caracteriza o funcionamento psíquico.

O termo *Schreck* - o terror - é empregado desde os primeiros escritos de Freud e inscreve-se em seu esforço de elaboração da teoria traumática da neurose. *Schreck* é exatamente o termo que ele usa para descrever, na parte intitulada "Psychopathologie", do "Projeto", de 1895, o estado afetivo de Emma quando esta, à época na sua puberdade, entra em uma loja e vivencia a experiência que desencadeará seus sintomas neuróticos. Aliás, na versão francesa, a palavra alemã *Schreck* é traduzida por *panique*; na edição brasileira, contu-

do, feita a partir da tradução inglesa, *Schreck* é traduzido por susto:

*“Emma acha-se dominada, atualmente, pela compulsão de não poder entrar nas lojas sozinha. Como motivo para isso, [apresentou], uma lembrança da época em que tinha doze anos (pouco depois da puberdade). Ela entrou numa loja para comprar algo, viu dois vendedores (de um dos quais ainda se lembra) rindo juntos, e saiu correndo, tomada de uma espécie de afeto de susto. [Schreckaffekt].”*<sup>18</sup>

Como mostra Jean Laplanche<sup>19</sup>, o termo *Schreck* insiste sobre a característica de não preparo e de transbordamento de excitação que submerge o eu num estado de angústia avassaladora. Neste caso, o sujeito encontra-se confrontado diretamente com o perigo mais extremo sem ter sido previamente preparado por um sinal de angústia. Tal é a essência econômica da situação traumática: o desamparo do aparelho psíquico frente ao aumento incontrolável da excitação pulsional.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud retomará essa mesma distinção entre *Angst* e *Schreck* para mostrar que o traumatismo coloca em xeque o funcionamento do aparelho psíquico segundo o princípio do prazer, fazendo assim surgir a necessidade de um trabalho que reinstaure a primazia deste princípio. Nesse texto, Freud distingue mais uma vez a angústia que tem um valor semântico de “sinal” de perigo, da angústia da situação traumática, transbordante e sem limites (que será ulteriormente chamada de “angústia-automática”), que tem, como vimos, uma caráter de pura perda.

A noção de angústia automática, desenvolvida em *Inibição, sintoma e angústia*, virá reinscrever, no cerne da nova teoria, a antiga hipótese freudiana de que a angústia, sob sua forma mais fundamental, é pura descarga de energia libidinal acumulada e transformada. Em outras palavras, a angústia automática constituiria uma forma terrível de gozo sexual desenfreado, sem limites e, portanto, mortal<sup>20</sup>.

Segundo a teoria que Freud apresenta em *Inibição, sintoma e angústia*, o nascimento constitui o protótipo [*Vorbild*] desse tipo de angústia na medida que esta experiência comporta um afluxo enorme de excitações libidinais, incontroláveis pelo aparelho psíquico excessivamente frágil do bebê.

<sup>18</sup> Sigmund FREUD [1985], “Projeto para uma psicologia científica”, op. cit.

<sup>19</sup> J. LAPLANCHE, *Problématiques I - L'angoisse*, op. cit.

<sup>20</sup> Este é o ponto de vista de Jean LAPLANCHE, segundo quem a *pulsão sexual de morte* constitui um gozo sexual caótico, não ancorado numa rede representacional.

Assim, e é isto que fundamenta a posição de Jean Laplanche, a angústia constitui antes de mais nada um ataque interno da pulsão, que dependendo do grau de simbolização (ou de elaboração psíquica, nos termos de Freud), capaz de organizá-la num plano representacional, torna-se mais ou menos traumática. A angústia e a pulsão formam, segundo este ponto de vista, os dois lados de uma mesma moeda.

Por outro lado, a noção freudiana de desenvolvimento de angústia [*Angstentwicklung*] sublinha a continuidade intrínseca entre a angústia-sinal, semiotizada e relativamente ancorada no eu, e a angústia-automática, espécie de invasão incontrolável de angústia.

Na primeira teoria, a angústia era concebida numa relação intrínseca com o desejo. Este desejo - fundamentalmente inconciliável - encontra-se inscrito no próprio corpo, de onde não pára de se fonte de excitação e busca de satisfação. O excesso do corpo, enquanto este é marcado pelo desejo, em relação às escassas possibilidades de figuração psíquica desse corpo libidinalmente investido é, provavelmente, a explicação melhor acabada que Freud dá para o problema da angústia<sup>21</sup>. Dessa forma, o nascimento fornece a Freud o protótipo [*Vorbild*] da condição que evidencia a radical implicação da sexualidade com o desamparo.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud propõe explicitamente que o desamparo [*Hilflosigkeit*] constitui o “núcleo, a significação da situação de perigo”. Mesmo a angústia de castração, organizadora sexual de todos os perigos, só encontra sua significação quando remete ao horizonte do desamparo da situação traumática.. Diferentemente de Rank, Freud quer mostrar que o nascimento não é prototípico da situação traumática em função da acidentalidade de sua ocorrência particular. Para Freud, o nascimento é o referente teórico que permite pensar a negatividade do desamparo face a positividade da excitação sexual.

Assim, a noção freudiana de “desamparo” [*Hilflosigkeit*], mais do que um acidente eventual na vida psíquica, remete aos limites da capacidade metafórica da linguagem, única capaz de tornar viável a experiência libidinal do corpo-próprio para um ser da cultura e inscrito na linguagem. Qualquer movimento do processo desiderativo encontra-se permanentemente confrontado com esses limites.. O desamparo, tal como Freud o concebe, não é uma condição acidental, mas, antes, inscreve-se como dimensão essencial do conjunto do processo psíquico para realizar esta tarefa.

<sup>21</sup> Cf., por exemplo, a leitura feita por P. FÉDIDA das idéias de Freud em, notadamente, Sigmund FREUD [1937], “*L’analyse avec fin, l’analyse sans fin*” (trad. Francesa de J. ALTOUNIAN, A. BOURGUIGNON, P. COTET, A. RAUZY), p. 231-268.

Lacan desenvolve uma idéia semelhante em seu seminário sobre a angústia, 1961. Segundo LACAN, a angústia é o afeto resultante da proximidade do sujeito em relação ao objeto causa de seu desejo.

No que diz respeito, aqui, propomos que angústia e pânico constituem, para o sujeito, duas possibilidades afetivas diferentes de enfrentar o caráter necessário e insuperável desta condição de falta de garantias que funda, em última instância, toda a vida da alma<sup>22</sup>.

Até aqui, vimos que Freud concebe o campo do terrível como heterogêneo, mesmo se as continuidades entre as múltiplas categorias nele reunidas ultrapassam amplamente as diferenças. Entretanto, Freud busca estabelecer os aspectos distintivos de cada uma destas categorias, determinando suas especificidades do ponto de vista psicopatológico e metapsicológico. É exatamente neste contexto teórico que irá se inscrever a trajetória freudiana para delimitar a especificidade do pânico em relação às outras categorias do terrificante, tal como é esboçada em “Psicologia das massas e análise do eu”.

#### **A discussão sobre o pânico em “Psicologia das massas e análise do eu”**

No capítulo V de “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), intitulado “Duas massas artificiais: igreja e exército”, Freud tratará explicitamente do fenômeno do pânico, chegando a apresentar uma teoria bastante completa sobre o tema. Freud realiza aí um apanhado fulgurante desse estado afetivo extremo, concebendo-o como uma tensão que ocorre entre o fundo de desamparo sobre o qual desenrolam-se todos os processos psíquicos e a função do pai, enquanto este é suposto ser a garantia das identificações e, por conseguinte, do mundo subjetivo simbolicamente organizado.

Naquele texto, o problema do pânico coloca-se para Freud em função de seu esforço por elucidar o enigma da constituição das massas humanas: como um grupo de seres fundamentalmente narcísicos e centrados em seus próprios interesses egoístas, consegue manter-se coeso e com uma coerência interna que subsiste a despeito das aspirações individuais? Ele busca demonstrar, na mesma trilha aberta por Felszégny que, do ponto de vista libidinal, as relações mantidas entre uma multidão e o seu líder são estruturalmente idênticas às que existem entre o hipnotizado e o seu hipnotizador. Aqui, a referência freudiana ao pânico visa demonstrar por uma via negativa, a natureza amorosa dos laços mantidos entre os elementos de uma multidão. Segundo Freud, é o amor de cada um para com o líder - erigido em figura ideal - o que garante a estabilida-

<sup>22</sup> Cf. nosso artigo, M. PEREIRA, O pânico e os fins da psicanálise: a noção de ‘desamparo’ no pensamento de Lacan In *Revista Percurso*, (2): 29-36, 1997, p. 19.



de dos laços fraternos entre os indivíduos de uma tal massa. Desse ponto de vista, o pânico seria o resultado da súbita ruptura desse laço amoroso fundamental do líder, levando à ruptura da organização coletiva.

A analogia com a hipnose é clara. O líder - tanto quanto o hipnotizador - é investido de atributos ideais que condensam as aspirações narcísicas e de dependência, sejam as de um grupo, sejam as do hipnotizado, conforme o caso. A partir dessa ligação afetiva fundamental com o líder, os membros do grupo podem estabelecer uma vinculação estável e coerente entre eles. Dessa forma, a hipótese freudiana é a de que *entrar em pânico é o efeito imediato de uma drástica ruptura dessa estrutura libidinal, lançando o indivíduo subitamente ao vazio de seu próprio desamparo. Não há nenhuma garantia para as identificações que até então constituíam a matriz imaginária sobre a qual fundava-se o eu.*

Inspirado por Felszéggy, Freud sustenta que o desencadeamento desse fenômeno - seja na massa, seja no indivíduo - tem a mesma estrutura do ponto de vista da economia libidinal, isto é, ocorre em função da ruptura dos laços libidinais que ligam os diferentes elementos de um sistema. O caso da multidão é mais claro. Esta permanece integrada em função do laço amoroso que cada um de seus membros mantém com o líder, o que permite que eles desenvolvam um laço libidinal grupal. Os sentimentos cruéis também são desviados em direção ao exterior em função dessa relação amorosa fundamental com o líder. É devido a esse laço libidinal que as moções destrutivas são rejeitadas para fora do grupo.

Personagem ao mesmo tempo amado e temido, o líder - tal como o hipnotizador - encarna o pai onipotente, não castrado, cujo poder supostamente infalível indica com certeza o caminho correto e seguro a ser seguido. Não é por acaso, que as formas culturalmente construídas para designar tais personagens tendem a sublinhar esta atribuição de certeza na condução de seu povo: o Guia, o Konductor, o Pastor, o Führer ["O Condutor"], o Duce ["O que Conduz"], o Grande Timoneiro, etc. Reencontramos aqui o aspecto protetor e tranquilizador do pai que traz garantias lá onde, de fato, não existe nenhuma.

A referência freudiana a Gustave Le Bon é muito reveladora neste particular, dado que as análises que este faz do papel e da personalidade do líder carismático são decisivas para a visão de Freud sobre o fenômeno coletivo. Segundo Le Bon, as características atri-

buídas ao líder constituem antes de mais nada “obras de pura imaginação. São narrações fantasiosas de fatos mal observados, acompanhados por explicações forjadas posteriormente”<sup>23</sup>. Isto significa que, numa ampla medida, o líder tanto quanto o sonho, é uma criação psíquica que responde a desejos fortemente enraizados na alma humana<sup>24</sup>. Além disso, Le Bon considera que a própria “vocaçã” à liderança, através da qual um sujeito será colocado na posição de líder, já constitui por si mesma um efeito da “hipnose” exercida pelas aspirações da multidão: “O líder na maior parte das vezes foi primeiro um liderado, hipnotizado pela idéia da qual tornou-se apóstolo. Ela o invadiu a ponto que tudo desaparece fora dela e que qualquer opinião contrária parece-lhe erro e superstição”.

Correlativamente, existe na multidão um desejo de submeter-se a um líder que, na leitura de Le Bon por Freud, será considerado o produto tanto de um desejo sexual como de um terror do inominável, que só se tornam patentes quando da falta do líder. Estas duas vertentes são ligadas de forma inseparável.

O trabalho de Le Bon sugere, assim, uma dimensão sexual própria à multidão, o que pode esclarecer a extraordinária virilidade atribuída ao líder: segundo o autor francês, “as multidões, em todo o lugar são femininas...”<sup>25</sup>, revelando não apenas a necessária característica fálica do líder, mas, também - e sobretudo - a dimensão de um gozo sexual próprio à submissão dos elementos de uma massa ao poder ilimitado do seu líder: “Não é a necessidade de liberdade, mas a de servidão que domina sempre a alma das multidões”, afirma Le Bon<sup>26</sup>. O mestre é visto como uma figura fálica, poderosa, dotada de uma vontade forte de duradoura, capaz de submeter seus comandos e de oprimir e castigar até o extremo aqueles que contra eles ousarem se levantar. É destas características que a multidão espera a satisfação de suas aspirações de dependência. Masoquismo e vontade de submissão são portanto, elementos fundamentais das paixões coletivas.

Freud considera que a situação de pânico na multidão instaura-se como efeito do relaxamento da arquitetura libidinal organizada em torno da figura paterna e onipotente do líder. O pânico constitui, segundo ele, a manifestação visível da ruptura dos laços libidinais, o que acarreta a angústia mais desenfreada. Uma espécie de desligamento [*Entbindung*] extremo instaura-se subitamente. A decadência do ideal do eu coletivo encarnado pela figura do líder leva à dissolução dos laços que esta personagem sustentava, por sua própria pessoa, entre os indivíduos do grupo:

<sup>23</sup> G. LE BON [1895], *La psychologie des foules*, p. 24.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>25</sup> G. LE BON, *op. cit.*, p. 19

Sugerimos de passagem que esse aspecto específico de “desejo de submissão” à virilidade pode ajudar a esclarecer a situação clínica frequentemente evocada como “**pânico homossexual**”. Tal situação é caracterizada pela eclosão de um ataque de pânico frente ao medo de ceder às tentações e de se deixar levar por impulsos homossexuais quando exposto a ambientes particularmente excitantes, tal como - e é o exemplo prototípico - os dormitórios de soldados de um exército. Em nossa opinião, tal eclosão de pânico não pode ser completamente elucidada sem a referência às relações particulares dos soldados à figura excitante do superior, sargento ou capitão, que, não se encontrando normalmente no dormitório, encarna, no entanto, a referência estruturante do grupo.

<sup>26</sup> G. LE BON, *op. cit.*, p. 71

<sup>27</sup> Sigmund FREUD, *Psicologia das massas e análise do Eu*, In Sigmund FREUD - op. cit., p. 124. (A tradução foi ligeiramente adaptada por nós).

“A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico, embora o perigo continue o mesmo; os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo que o laço com seu líder. O grupo desvanece-se como poeira [...]”<sup>27</sup>.

Freud esclarece, em seguida, a analogia que vê entre o pânico de uma multidão e aquele observado em um indivíduo: ambos são associados ao desaparecimento da coesão permitida pelos laços libidinais. Ou seja, para Freud, o pânico - compreendido em sua acepção mais geral - corresponde à instalação de uma condição de caos e ao desabamento de uma estrutura libidinal até então sustentada por uma imagem onipotente colocada no lugar de Ideal do Eu. Nas situações de desautorização e de perda súbita dessa referência estabilizadora, a unidade e a sobrevivência do eu-grupo vêem-se repentinamente abaladas e ameaçadas: não há mais garantias externas tranquilizando contra os perigos, organizando as relações amorosas, nem indicando o caminho certo a seguir. Para Freud, o pânico significa, portanto, desagregação e caos: “*Não se pode duvidar que o pânico significa a desagregação da massa*”.

Por mais esclarecedora que seja esta proposta freudiana, não encontramos nela a identificação de que o desabamento subjetivo efetuado no pânico possa gerar, correlativamente, o germe de uma nova estruturação mais aproveitável para o aparelho psíquico. Da mesma forma, não encontramos qualquer abertura que permita que o que se apresenta justamente como caos e desagregação no pânico poderia obedecer a certas determinações e inscrever-se, apesar da sua forma caótica, como um processo de simbolização *in status nascendi*. Entretanto, essas hipóteses justificam-se tanto do ponto de vista da experiência clínica, quanto da própria teoria psicanalítica. Observa-se, por exemplo, que indivíduos apresentando ataques de pânico freqüentemente conseguem estruturar em torno de suas crises uma organização hipocondríaca mínima, a partir da qual conseguem dar uma inscrição subjetiva (ainda que restrita ao plano corporal) para conflitos emocionais insuportáveis.

A questão subjacente ao que acabamos de propor pode ser assim explicitada: constituiria o pânico uma experiência de pura descarga, não remetendo a nenhum sentido ou, ao contrário, apesar de sua aparência desesperada, este estado afetivo extremo manteria ainda as-

sim uma ancoragem simbólica passível de engajar um processo de elaboração? Para responder a essa questão será preciso estabelecer uma precisão quanto à relação do pânico ao perigo. Evidentemente, como mostra Freud, todo perigo é de natureza fundamentalmente pulsional. Em última instância, qualquer perigo é perigo de esmagamento do eu pela invasão de uma quantidade incontrolável de pulsão. Entretanto, diferentemente da angústia (ou, mais precisamente, do *signal de angústia*), *no qual a emergência do afeto é proporcional à proximidade perigosa do objeto da pulsão*, o pânico pode instalar-se a partir da decadência daquilo que, até então, garantia imaginariamente a estabilidade do mundo. Ele origina-se da confrontação crua do sujeito com a mera possibilidade do perigo, sem poder esperar nenhum outro tipo de proteção transcendente. O sujeito descobre-se em pleno desamparo e confrontado com o afluxo de uma libido até então ligada pelo amor à essa instância-líder e que, de repente, desaparece como referência tranquilizadora.

A descoberta súbita e inaceitável de que, afinal de contas, não há garantias absolutas e que os perigos podem de fato realizar-se enquanto situações concretas de desamparo leva o sujeito ao pânico. Freud dá, neste ponto, o exemplo de um exército que pode manter-se em combate de modo organizado mesmo quando objetivamente a situação concreta lhe é muito desfavorável, conquanto persista a influência estabilizadora de seu general, ao passo que pode muito bem fugir inesperadamente, de modo totalmente desorganizado, mesmo em situação de superioridade, se o rumos da morte do seu líder espalhar-se entre suas linhas.

O sinal de angústia é constituído pela proximidade do “perigoso” enquanto tal, (ainda que, como propõe Lacan, o “perigoso” coincida com a causa do desejo) enquanto o pânico nasce da constatação insuportável da falta fundamental de garantias no que diz respeito ao mundo simbolicamente organizado, constatação para a qual ele não estava preparado. Vê-se, assim, que a reflexão freudiana sobre o pânico conduz imediatamente ao problema da determinação metapsicológica da categoria de “desamparo”.

A evolução do pensamento de Freud sobre o desamparo põe em evidência justamente que esta falta de garantias não é contingente ou acidental, mas inerente ao funcionamento psíquico e que esta capacidade protetora onipotente atribuída ao pai tem apenas uma consistência imaginária, respondendo ao desejo irrealizável de se dispor de certezas últimas sobre as quais fundar o mundo e,

correlativamente, uma imagem estável do eu.

Ao mesmo tempo, a teorização freudiana do pânico implica de modo quase necessário uma reflexão sobre o papel psíquico da religião e da crença num Deus onipotente que ama e protege todos os homens com igual amor. A figura de Deus entra precisamente lá onde o eu, em sua função reguladora das relações com o mundo e com a vida pulsional, não dispõe de nenhuma garantia sobre a qual assentar suas certezas.

Na seqüência de sua reflexão sobre o pânico, Freud passa a examinar - mais uma vez com a ajuda de um texto literário - a hipótese de que este "Deus" nada mais seria do que uma criação da alma humana frente a seu desamparo. Freud usa o livro de Guy Thorne, *When it is dark*, que fez muito sucesso quando da sua publicação em 1903. O livro conta a história de "uma conspiração dos inimigos da pessoa do Cristo e da fé cristã [que] consegue que se descubra em Jerusalém, uma câmara sepulcral, com uma inscrição onde José de Arimatéia confessa que, por motivos de piedade, retirou secretamente o corpo do Cristo do túmulo, no terceiro dia após a sua inumação, e enterrou-o ali. Isto acabaria de vez com a crença na ressurreição do Cristo e em sua natureza divina. A conseqüência de tal descoberta arqueológica constitui um abalo da cultura européia e um crescimento extraordinário de todas as violências e crimes, que só acaba após ser revelado o complô dos falsários". Decaído da sua condição de Ideal e de protetor onipotente dos homens, "Deus" é abandonado e a ruptura dos laços instaura-se na humanidade inteira. Desorganiza-se o ordem que regulamentava as relações amorosas (e odiosas) entre os homens e instala-se o caos. Tal é a essência do pânico na visão de Freud.

Os grandes textos do fim da sua vida sobre a cultura e a religião constituem para Freud sua tentativa melhor acabada de tornar inteligível, por detrás da necessidade de deuses, de ídolos e de verdades eternas imutáveis, uma condição essencial de desamparo oculto.

Assim, o estudo da contribuição de Freud ao tema do pânico leva-nos à seguinte conclusão: o pânico constitui uma das formas que o aparelho psíquico tem para enfrentar a condição de desamparo fundamental, inerente ao seu próprio funcionamento, enquanto este é um fato de linguagem, implicando a constituição de um corpo próprio, de uma matriz para as identificações e, conseqüentemente, de um mundo simbolicamente organizado.

Nesse sentido, o afeto de pânico não pode ser confundido

com um expressão direta da pulsão de morte, pois é do lado da vida que se entra em pânico: para evitar um mergulho no sem-sentido absoluto, o Eu entra em pânico, buscando desesperadamente “fazer alguma coisa”, uma vez que não encontra mais nenhum “Outro” que sustente a organização simbólica de seu mundo. A expressão corporal desse desamparo passará a constituir a ancoragem hipocondríaca para uma tentativa de ressignificação subjetiva e a origem de um apelo urgente para que um novo “Outro” - líder e mestre absoluto” passe a se ocupar desse eu que não pode conceber uma existência sem o aval de um fiador absoluto.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARTAUD, A. “Le théâtre de la crauté”. In *Le théâtre et son double*
- DUPUY, J-P. *Introduction aux sciences sociales: logique des phénomènes collectifs*.
- FÉDIDA, P. “L’angoisse dans le contre-transfert ou l’unquiétanté étrangeté du transfert” 1992.
- FELSZÉHY, B. *Pan und Pan-Komplex*
- FREUD, Sigmund. “O estranho”. In *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*.
- \_\_\_\_\_ “Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos” In *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, 1997
- \_\_\_\_\_ “La tête de la Méduse”. In *Obras Completas de Sigmund Freud*, tome XVI, 1991.
- \_\_\_\_\_ “La naissance de la psychanalyse”. In *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, 1997.
- \_\_\_\_\_ “Projeto para uma psicologia científica”. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*.
- \_\_\_\_\_ “Psicologia das massas e análise do Eu”. In *Obras Psicológicas Completas*, vol. XVIII.
- LAPLANCHE, J. *Problématiques - L’angoisse*, 1981.
- LE BON, G. *La psychologie des foules*.
- MELTZER, D. “Terror, persecution and dread” In *Sexual States of Mind*, 1973.
- PEREIRA, M. La question de l’hypnose d’effroi. In *Revue Internationale de Psychopathologie*, 1994.
- \_\_\_\_\_ O pânico e os fins da psicanálise: a noção de ‘desamparo’ no pensamento de Lacan., 1997.